

Angústia em Kierkegaard nas diferentes apropriações existenciais: Humanista e fenomenológica

Anguish in Kierkegaard in different existential appropriations: Humanist and phenomenological

Angustia en Kierkegaard en las diferentes apropiaciones existenciales: Humanistas y fenomenológicas

L'angoisse chez Kierkegaard dans les différentes appropriations existentielles : Humaniste et phénoménologique

 10.5020/23590777.rs.v24i1.e12803

Maitê Sartori Vieira  

Psicóloga. Mestre em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Especialista em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial no Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN-RJ).

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo  

Psicóloga (1976) formada pela Faculdade de Humanidades Pedro II (FAHUPE); mestre em Psicologia pelo Instituto de Seleção e Orientação Profissional da Fundação Getúlio Vargas (ISOP/FGV); doutora em psicoterapias atuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é Professora Associada do Departamento de Psicologia Clínica (DPC) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (PPGPS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Myriam Moreira Protasio  

Psicóloga pela Faculdade de Humanidades Pedro II (FAHUPE), mestre e doutora em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGFIL-UERJ); com pós-doutorado em Psicologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGPS-UERJ). Sócia fundadora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro.

Resumo

Este estudo teórico tem como objetivo esclarecer se duas perspectivas existenciais em psicologia, denominadas humanista e fenomenológica, podem ser compreendidas em seus estudos e práticas como tendo o mesmo desenvolvimento e fundamento com relação ao tema *angústia*. Para tanto, primeiramente, descrevemos a concepção de angústia, tal como desenvolvida por Søren A. Kierkegaard, para depois mostrarmos o modo como as duas perspectivas se apropriam do que o filósofo elaborou. Elegemos esse estudioso por sabermos que a angústia, tal como ele a compreende, tornou-se paradigmática em diferentes estudos sobre o psiquismo humano e foi amplamente discutida nessas duas perspectivas da psicologia. A questão norteadora desse estudo foi saber se as divergências no modo de compreender o conceito de angústia por si só são suficientes para possível esclarecimento de duas perspectivas distintas. No sentido de buscar esclarecer essa questão, estudamos minuciosamente o conteúdo da obra *O Conceito de Angústia*, de Søren A. Kierkegaard, realizamos uma pesquisa bibliográfica aos escritos de Rollo May, psicólogo da abordagem existencial-humanista que se aprofundou nos estudos desse tema em uma perspectiva da psicologia e da psicoterapia e, por fim, buscamos, nos estudos de Feijoo e Protasio, que se aprofundaram no tema da angústia na perspectiva existencial-fenomenológica, o modo como essas autoras se apropriam da concepção de angústia desenvolvida pelo filósofo, também numa perspectiva em psicologia e psicoterapia. Vimos, em linhas gerais, que a angústia, tal como compreendida por Rollo May, divide-se em normal e patológica; já na compreensão de Feijoo e Protasio, a angústia aponta para uma indeterminação originária que é o fundamento da liberdade. Concluimos, assim, que essas duas perspectivas divergem no que diz respeito à compreensão do conceito de angústia e, conseqüentemente, em suas respectivas ações clínicas.

Palavras-chave: angústia, liberdade, perspectivas existenciais

Abstract

*This theoretical study aims to clarify whether two existential perspectives in psychology, humanistic and phenomenological, can be understood in their studies and practices as having the same development and foundation as the topic of anguish. To do so, firstly, we describe the conception of anguish, as developed by Søren A. Kierkegaard, and then we show how the two perspectives appropriate to what the philosopher elaborated. We chose this scholar because we know that anguish, as he understands it, has become paradigmatic in different studies on the human psyche and has been widely discussed in these two perspectives of psychology. The guiding question of this study was to know whether the divergences in how understanding the concept of anguish alone are sufficient for possible clarification of two distinct perspectives. To clarify this issue, we studied in detail the content of the work *The Concept of Anguish* by Søren A. Kierkegaard, and we carried out bibliographical research on the writings of Rollo May, a psychologist with the existential-humanist approach who delved into the studies of this topic from a perspective of psychology and psychotherapy and, finally, we sought, in the studies of Feijoo and Protasio, who delved deeper into the theme of anguish from an existential-phenomenological perspective, how these authors appropriate the conception of anguish developed by the philosopher, also from a perspective in psychology and psychotherapy. In general terms, we saw that anguish, as understood by Rollo May, is divided into regular and pathological; in the understanding of Feijoo and Protasio, anguish points to an original indeterminacy that is the foundation of freedom. We conclude, therefore, that these two perspectives diverge concerning understanding the concept of anguish and, consequently, in their respective clinical actions.*

Keywords: *anguish, freedom, existential perspectives*

Resumen

*Este estudio tiene como objetivo aclarar si dos perspectivas existenciales en psicología, denominadas humanista y fenomenológica, pueden ser comprendidas en sus estudios y prácticas como teniendo el mismo desarrollo y fundamento con relación al tema angustia. Para tanto, primeramente, describimos la concepción de angustia, tal como desarrollada por Soren A. Kierkegaard, para después demostrar el modo como las dos perspectivas se apropian de lo que el filósofo elaboró. Elegimos este estudio por saber que la angustia, tal como él la comprende, se hizo paradigmática en diferentes estudios sobre el psiquismo humano y fue ampliamente discutida en estas dos perspectivas de la psicología. La cuestión orientadora de este estudio fue saber si las divergencias en la manera de comprender el concepto de angustia por si solo son suficientes para posible aclaramiento de dos perspectivas distintas. En el sentido de buscar aclarar esta cuestión, estudiamos minuciosamente el contenido de la obra *El Concepto de Angustia*, de Soren A. Kierkegaard, realizamos una investigación bibliográfica a los escritos de Rollo May, psicólogo del enfoque existencial-humanista que se profundizó en los estudios de este tema en una perspectiva de la psicología y de la psicoterapia y, por fin, buscamos, en los estudios de Feijoo y Protasio, que se profundizaron en el tema de la angustia en la perspectiva existencial- fenomenológica, el modo como estas autoras se apropian de la concepción de angustia desarrollada por el filósofo, también en una perspectiva en psicología y psicoterapia. Vimos, en líneas generales, que la angustia, tal como comprendida por Rollo May, se divide en normal y patológica; ya en la comprensión de Feijoo y Protasio, la angustia indica para una indeterminación originaria que es el fundamento de la libertad. Concluimos, así, que estas dos perspectivas divergentes en lo que se refiere a la comprensión del concepto de angustia y, consecuentemente, en sus respectivas acciones clínicas.*

Palabras clave: *angustia, libertad, perspectivas existenciales*

Résumé

*Cette étude théorique vise à clarifier si deux perspectives existentielles en psychologie, dites humaniste et phénoménologique, peuvent être comprises dans leurs études et pratiques comme ayant le même développement et le même fondement par rapport au thème angoisse. Par conséquent, nous décrivons d'abord le concept d'angoisse, tel que développé par Søren A. Kierkegaard, puis nous montrons comment les deux perspectives s'approprient ce que le philosophe a élaboré. Nous avons choisi ce chercheur parce que nous savons que l'angoisse, telle qu'il la comprend, est devenue paradigmatique dans différentes études sur la psyché humaine et a été largement discutée dans ces deux perspectives de la psychologie. La question directrice de cette étude était de savoir si les divergences dans la façon de comprendre le concept d'angoisse par lui-même suffisent à clarifier deux perspectives différentes. Afin de clarifier cette question, nous avons étudié en profondeur le contenu de l'ouvrage *Le concept d'angoisse*, de Søren A. Kierkegaard. Nous avons également mené une recherche bibliographique sur les écrits de Rollo May, psychologue de l'approche existentielle humaniste, qui a approfondi les études sur ce thème dans une perspective de psychologie et de psychothérapie. Enfin, nous avons examiné les travaux de Feijoo et Protasio, qui ont exploré le thème de l'angoisse dans la perspective existentielle-phénoménologique, pour comprendre comment ces auteures s'approprient la conception de l'angoisse développée par le philosophe, également dans une perspective de psychologie et de psychothérapie. En termes généraux, nous constatons que, selon Rollo May, l'angoisse est divisée en normale et pathologique. En revanche, dans la compréhension de Feijoo et Protasio, l'angoisse pointe vers une indétermination originelle qui constitue le fondement de la liberté. Nous concluons*

donc que ces deux perspectives divergent en ce qui concerne la compréhension du concept d'angoisse et, par conséquent, dans leurs actions cliniques respectives.

Mots-clés : *angoisse, liberté, perspectives existentielles*

As perspectivas existenciais em suas apropriações humanista e fenomenológica são comumente confundidas por leigos e até acadêmicos, acreditando eles tratar-se de perspectivas idênticas que apenas possuem diferença em sua titulação (Feijoo & Mattar, 2016). Neste trabalho, analisaremos as bases que sustentam a compreensão de ambas com relação ao conceito de angústia, tal como desenvolvido pelo filósofo dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855) sob a égide de Vigilius Haufniensis (1844/2016). O modo como cada uma dessas perspectivas se apropria da concepção de angústia será analisado para podermos destacar as diferenças entre ambas e as repercussões dessas diferenças na ação clínica.

A decisão de estabelecer como referência o pensamento de Kierkegaard deve-se à relevância dos seus escritos entre estudiosos do tema da angústia no campo das psicologias existenciais. Pesquisadores e psicólogos existenciais referenciaram-se a Kierkegaard em seus estudos tanto nos EUA, como Rollo May (1974; 1977) e Irvin Yalom (1980), na Europa, bem como Victor Frankl (1978; 2003), embora as apropriações ocorram a partir de perspectivas epistemológicas diversas (Feijoo & Protasio, 2021; Karki, 2019; Klempe, 2014; Protasio & Feijoo, 2021).

Entendemos que, para melhor alcançar a clínica psicológica que pode se estabelecer a partir da concepção de angústia tal como apresentada por Kierkegaard, precisamos trazer à baila uma análise em maior detalhamento acerca de como as perspectivas existenciais, seja de base humanista ou fenomenológica, tomam Kierkegaard como figura de referência para pensar a angústia. Cabe-nos, inicialmente, esclarecer que a angústia é uma concepção que se apresenta como objeto de estudo para diversos estudiosos da psicologia, preocupando-os “(...) cada vez mais com essa inexprimível e informe intranquilidade que persegue e acossa cada passo do homem moderno” (May, 1980, p. 9). Entretanto, há uma diversidade de modos de se compreender essa atmosfera, tanto por parte das perspectivas existencial-humanista e fenomenológico-existencial, quanto, também, pela psicanálise. Quanto a esta, não entraremos em detalhes no presente estudo, mas, ressaltamos que também inspirou Rollo May em sua análise sobre a angústia.

Entre as diversidades na compreensão da angústia em Kierkegaard, encontramos contribuições importantes que ora consideram a angústia como um elemento constitutivo do modo de ser do indivíduo, revelando o caráter próprio de liberdade do mesmo (Feijoo et al., 2015; Grøn, 2008), ora afirmam que a angústia pode se apresentar como um elemento negativo e patológico, denominando-a como “angústia neurótica” em contraste com a “angústia normal” (May, 1980; Ponte, 2013, p. 61). Há, ainda, aqueles que consideram angústia em Kierkegaard como um elemento religioso no sentido de “(...) um contributo último do contato da individualidade com a Providência” (Salles, 2019) e a psicoterapia como um facilitador desse contato por meio da angústia.

Diante de tais divergências, presentes nas diferentes compreensões, surge a seguinte questão: as divergências no modo das psicoterapias existenciais compreenderem o conceito de angústia já apontam para o fato de que são perspectivas distintas? Para poder alcançar a resposta à nossa questão, primeiramente, acompanharemos o pensamento de Kierkegaard (1844/2016) sobre angústia para, posteriormente, podermos compreender o modo como a perspectiva de base humanista, representada aqui por Rollo May, e a perspectiva fenomenológica, tal como desenvolvida por Feijoo e Protasio, se apropriaram de tal conceito, destacando, então, tratar-se de duas perspectivas distintas. Acreditamos que esclarecer as diferenças dessas interpretações acerca da angústia em Kierkegaard é importante na medida em que elas repercutem diretamente na fundamentação da ação clínica. Por exemplo, enquanto a perspectiva de matriz humanista intenciona a cura da angústia, a perspectiva de matriz fenomenológica a toma como condição para que outras possibilidades possam se dar na existência e, portanto, como elemento a ser sustentado e do qual não podemos nos livrar.

A circunscrição do trabalho ao redor desses autores (May e Feijoo e Protasio) se deve à dificuldade de encontrar trabalhos em psicologia que debatam o sentido de angústia posto por Kierkegaard, pelo pseudônimo Vigilius Haufniensis. Entre as psicologias de base humanista, por exemplo, Rollo May (1980) discute esse tema, tendo-lhe dedicado um livro intitulado *O Significado da Ansiedade*. Irvin Yalom (1980) também considera a temática da angústia em seu clássico livro *Psicoterapia Existencial*, mas, lá, o tema é pensado como experiência frente à morte e ao temor do aniquilamento, não chegando a se aprofundar na totalidade que é posta em questão por Kierkegaard.

Na perspectiva fenomenológica, Salles (2019), por exemplo, é um psicólogo que quis pensar o conceito de angústia em relação à psicologia, mas sua pesquisa apresenta interesse pela exigência de relação com a providência presente na ambiguidade da angústia. Cristine Mattar (2016) reflete sobre a psicologia em diálogo com Kierkegaard e Foucault ao redor da questão do si-mesmo e do desespero e não se dedica ao tema da angústia. Silva e Barreto (2020) se debruçam

sobre a temática da angústia, no entanto, utilizam como referência Kierkegaard, Heidegger e Boss, não se configurando um aprofundamento no pensamento de Kierkegaard sobre a questão.

Assim, a escolha por dialogar com os trabalhos de Feijoo e Protasio se mostrou uma decisão natural, já que as autoras têm muitos trabalhos sobre angústia e sua repercussão na ação clínica (Feijoo, 2000; Feijoo et al., 2013; Feijoo et al., 2015; Feijoo & Protasio, 2014; Protasio, 2014). Rollo May, psicólogo norte-americano fundador da perspectiva existencial-humanista na psicologia, além de ter Kierkegaard em alta conta em seus trabalhos, produziu um livro para discutir, especificamente, o tema da angústia (May, 1980).

De forma a fazer frente aos propósitos do artigo, a seguir passaremos a realizar uma análise pormenorizada sobre a angústia, tal como pensada por Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2016), com o objetivo de esclarecer o modo como o autor explicita tal conceito.

Angústia e despertar da liberdade em Kierkegaard

Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2016) afirma que sua tarefa é tratar o conceito de angústia de um ponto de vista psicológico, de modo a considerar o dogma do pecado hereditário e, nesse sentido, também o conceito de pecado (Kierkegaard, 1844/2016). Antes, porém, de prosseguir, precisamos esclarecer o que o filósofo quer dizer com pecado. Qual a relação desse dogma com a angústia? O pseudônimo afirma que o pecado não tem lugar em ciência alguma. O lugar do pecado é o não lugar, e isto “é justamente a sua determinação” (Kierkegaard, 1844/2016, p. 16). O ato de pecar, portanto, deve ser compreendido em uma ambiência que não o tome de modo a querer destrinchá-lo, mas apenas acompanhar o anterior e o posterior do seu ato. No presente estudo, não consideramos o pecado a partir de outro lugar que não seja o do próprio acontecimento. Pecar é ato, movimento, decisão, vida, existência.

Para Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2016), a psicologia tende a olhar para o pecado em uma atmosfera da tenacidade observadora, com uma “curiosidade que antipatiza” (Kierkegaard, 1844/2016, p. 17), ou seja, uma atmosfera que possui o interesse de investigá-lo, desejando ver tudo como um estado possível de se classificar e nominar. O autor diz que a atmosfera da psicologia não deve ser essa, mas sim a da “resistência intrépida da seriedade” (Kierkegaard, 1844/2016, p. 18). Uma resistência que tem a sua “originalidade conservada na responsabilidade da liberdade” (Kierkegaard, 1844/2016, p. 161), ao retornar, a cada vez, ao que se mostra na existência, sem se deixar levar pelas elucubrações da lógica, afastando-se para definir e classificar, mas em uma repetição¹ que mantém a originalidade naquilo que se mostra como novo no mesmo e, em paciência, aguarda o mostrar-se próprio da experiência.

Haufniensis afirma que a psicologia deve ter por objeto “algo de estável, que permanece numa tranquilidade em movimento” (Kierkegaard, 1844/2016, p. 22). O elemento estável é de onde constantemente surge a possibilidade. O movimento se dá de modo tranquilo, justamente por ser abertura para a possibilidade, indeterminação. Nesse momento, chegamos ao conceito de angústia, que, segundo Haufniensis, é o objeto da psicologia. Mas, o que o autor entende por angústia? Para responder tal pergunta, seguiremos o caminho trilhado por Haufniensis, evidenciando a própria experiência do angustiar-se em Adão e Eva, apresentada ao longo do primeiro capítulo da obra *O Conceito de Angústia*.

Adão e Eva viviam na inocência, no paraíso. Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2016) diz que estavam adormecidos. Adão vivia como devia viver, sem estar desperto para o que se dava em sua existência e para o existente que ele mesmo era. No momento em que há a proibição, Adão não entende as palavras, mas é tomado pela atmosfera da angústia, atmosfera essa que revela a liberdade e, junto com esta, a indeterminação (Kierkegaard, 1844/2016, p. 49). Essa atmosfera passa a permear todas as suas formas de lidar com o mundo. Vendo-se *diferente*, Adão salta, já não pode mais voltar para a inocência.

Adão, no instante do salto, não sabe ainda qual decisão tomará, mas a angústia o toma como se ele já estivesse sem saída e tivesse que se posicionar na existência. Naquele momento, mostra-se a infinita possibilidade de *ser-capaz-de* e, junto com essa, a possibilidade (Kierkegaard, 1844/2016). A inocência, então, é levada ao extremo, vê-se angustiada diante da possibilidade da liberdade e da consequência da possibilidade e não encontra saída: Adão já se posicionou e, naquele instante, Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2016) diz que Adão pode falar consigo mesmo, ele despertou para si.

O diálogo consigo mesmo só é possível no instante em que aparece para o indivíduo o seu caráter de liberdade como possibilidade. O humano, então, vê-se, um ver sem forma definida, vê a sua indefinição e a ausência de determinação. Um aberto que devolve para o homem o que ele mesmo é: nada. Não há como fugir desse aberto que se revela em um salto. A vertigem do aberto vem e, ao mesmo tempo em que o aberto seduz, repulsa. Emaranhado na relação com esse aberto, o indivíduo se vê como na maior parte das vezes não se vê: como nada. Nada que, ao mesmo tempo, é tudo que é. É como aberto, abismo, liberdade que se é, e que se é sendo, a cada vez.

A angústia é esse aberto que se releva no instante do salto. Aberto indefinido, que mostra a liberdade como possibilidade. O abismo que se abre revela aquilo que se esconde, que se oculta para o indivíduo na inocência e na ignorância de si

1 Kierkegaard (1843/2009), sob o pseudônimo de Constantin Constantius, escreveu a obra intitulada *A Repetição* (1843), na qual trabalha o conceito da repetição sob dois vieses: a repetição como retomada do novo e a repetição como retomada do mesmo.

mesmo, revelando seu caráter de indeterminação. A angústia revela o mais abissal em nós mesmos: a nossa nada e a impossibilidade de abarcar o que é inabarcável, o que está sempre escorregadio, isto é, a existência. A atmosfera da angústia nos tira da tranquilidade da inocência ou do solo firme em que pensamos que vivemos, da segurança e da certeza que ronda o nosso modo de lidar com as coisas, pessoas e mundo.

Mas, ao mesmo tempo, é justamente por isso que a angústia nos coloca em outro solo firme: nós mesmos, o solo da possibilidade. Paradoxalmente, o que há de mais firme e concreto na nossa existência é justamente a nada que somos. Essa firmeza que, ao mesmo tempo em que é firme, também é movediça, maleável e fluida. O aberto que nos constitui é firme e estável, pois está sempre aí, é o que constitui o nosso modo de ser, mas, ao mesmo tempo, é fluido e movediço, em um tranquilo movimento.

A angústia, segundo Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2016), se mostra quando há o contato com a realidade desse caráter próprio de liberdade. No instante em que nos damos conta que somos fundamentalmente liberdade como possibilidade para a possibilidade, despertamos para o nosso caráter mais próprio e, uma vez despertados, não há volta, descobrimos que sempre somos posição, modo de ser, na existência que é a nossa. O contato com a liberdade como possibilidade revela e muda o olhar para tudo, mas apenas se estivermos abertos para o que a angústia tem a nos dizer.

Podemos pensar esse encontro com a liberdade de modo idealizado, como algo belo, já que a liberdade tende a ser algo que buscamos conquistar em nossas vidas. Isso ocorre ao pensarmos essa liberdade como se fosse uma experiência de não haver limites. Mas isso que há de mais firme e fundamental em nós também é o mais difícil, justamente por sermos liberdade, por estarmos sempre em jogo na existência, a cada instante. Por isso, Kierkegaard (1847/2018) associa liberdade com tribulação, com estar na tensão própria da vida. Segundo o autor, caminhar pelo caminho da tribulação pode ser o mais difícil de todos os caminhos, pois requer a nossa implicação a todo tempo, em temor e tremor.

O *ser-capaz-de* liberdade não diz sobre um voluntarismo, ao contrário do que muitas vezes é compreendido no senso comum. Não diz sobre uma vontade do homem que está acima de tudo e todos, bastando o querer para realizá-la. O *ser-capaz-de* que não diz respeito ao se posicionar diante desta ou daquela possibilidade, mas sim de sempre estarmos posicionados e, ao mesmo tempo, abertos fundamentalmente para a possibilidade. Com essa expressão, Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2016) quer ressaltar o caráter mais próprio do homem de ser sempre um *vir-a-ser* diante das possibilidades que se mostram na abertura que ele próprio é. Somos sempre relação entre a abertura, a possibilidade que somos, em tensão com as condições que determinam e limitam a possibilidade que pode se efetivar. Liberdade não diz respeito à vontade, mas se caracteriza por um enredamento que dá a medida do que é possível a cada vez.

Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2016), para explicar o *ser-capaz-de*, recorre à palavra latina *potentia* — potência aristotélica. O que Aristóteles afirma a partir dessa palavra é que todo movimento já é a realização de um movimento da própria coisa que se movimenta. Uma pedra só rola porque é capaz de rolar, o ser pedra já implica o rolar, o rolamento é algo que constitui o ser pedra. O homem, como a pedra, não pode colocar a si mesmo. O homem é posto por algo da ordem do mistério e, no momento que passa a existir, diversas condições do contexto histórico de sentido coexistem com ele, ao mesmo tempo em que a sua criação não é fechada, pronta. Uma vez colocado no mundo, ele é entregue à criatura que ele é e à tarefa de se realizar continuamente. Sendo assim, pode-se existir de diversas formas, mas, ainda assim, tem de se viver de alguma forma e lidar com a existência. O ser humano não pode colocar a si mesmo no mundo, mas, posto, ele é posto em determinadas condições e deve realizar-se dentro das mesmas. O que o homem pode fazer é decidir acolher ou rejeitar o si mesmo que lhe foi dado (Kierkegaard, 1849/1974; Protasio, 2015). Essa rejeição, ao mesmo tempo, não pode ser definitiva, pois, por mais que desejemos, não é possível fugir do si mesmo que somos.

O caráter de *ser-capaz-de* aparece no momento em que a angústia se anuncia. Entretanto, como surge essa atmosfera? Como se dá o momento em que o indivíduo desperta para a liberdade e para si mesmo? Em relação à passagem de Adão e Eva, podemos pensar que a proibição de Deus foi a causa do despertar da liberdade de Adão. Entretanto, segundo Haufniensis, isso “é modificar o círculo do salto para linha reta” (Kierkegaard, 1844/2016, p. 116), ou seja, é tornar o salto, o despertar, algo que possui uma origem e um fim, algo que o antecede e, portanto, o explica. Pensar o despertar como um círculo é vê-lo sem um início e um fim, mas como algo que surge quando surge, que existe apenas por si mesmo. A angústia simplesmente se deu para Adão, e ele despertou. Segundo o autor de *O Conceito de Angústia* (Kierkegaard, 1844/2016), o momento do despertar, do salto, não pode ser compreendido logicamente, assim como não se pode prevê-lo e calculá-lo. Nenhuma ciência pode explicar *como* se dá o despertar, mas a psicologia, em especial, pode compreender a fase prévia ao despertar, a atmosfera da angústia, as possibilidades que se apresentam e o estado subsequente do mesmo (Cruz, 2010). Nas palavras de Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2016, p. 42): “A ciência que tem a ver com a explicação é a psicologia que, contudo, só é capaz de explicar o rumo da explicação e sobretudo deve cuidar de não dar a aparência de querer explicar o que nenhuma ciência explica”.

Uma pessoa que vive uma vida planejada, no momento em que um imprevisto surge pode ser tomada por angústia. Uma pessoa diante da incerteza de sua morte, pode ser tomada por angústia. Uma pessoa que observa as árvores no decorrer do seu caminho, pode ser tomada por angústia. Qualquer situação pode despertar angústia, pois a angústia diz respeito àquilo que está aí a todo tempo: a liberdade como a realidade de possibilidade para a possibilidade, o mero *ser-capaz-de* que se

mostra como abertura para. A angústia surge não como uma linha reta, mas como um círculo, que mantém constante o seu movimento, sem um término. A angústia surge do nada, do nada que somos. Diante disso, qualquer acontecimento pode fazer com que se desvele aquilo que há de mais constitutivo em nós, o nosso caráter de liberdade diante do campo das possibilidades que está sempre em jogo no existir. É na atmosfera da angústia que o indivíduo pode relacionar-se consigo mesmo e se aproximar do seu caráter mais próprio. O despertar da liberdade na angústia é o próprio irromper de algo, de modo que o salto, o irromper, é já uma transformação.

Concluímos que o despertar, apontado por Haufniensis, diz respeito ao instante em que tudo se desvela de maneira diferente, o instante em que o caráter de liberdade, que abre o vasto campo da possibilidade, se mostra. Nesse momento, o súbito dá-se e a atmosfera da angústia se impõe ao existente. Nada de concreto muda numa perspectiva exterior, a vida aparentemente continua a mesma, entretanto, tudo se mostra de uma outra maneira na existência, de uma outra maneira diante do irromper do salto. E, justamente, esse instante pode ser o que há de mais concreto na vida. O salto, que se dá no instante, não muda as coisas em si, mas muda a forma como olhamos para a coisa, para a forma como lidamos com a coisa. O salto nos faz despertar para a abertura indeterminada que nós mesmos somos, a nossa nadaidade.

Angústia e autoconsciência: considerações de Rollo May para a psicologia

Rollo May, em 1977, escreveu a obra intitulada *O Significado de Ansiedade²: as causas da integração e desintegração da personalidade*, em busca de encontrar respostas para a psicologia em relação à angústia. Nesse livro, o autor assume como tarefa encontrar um norte unificador para o significado da angústia na contemporaneidade, possuindo como objetivos (...) reunir em um só volume as teorias da ansiedade oferecidas por modernos investigadores em diferentes áreas da nossa cultura, descobrir os elementos comuns em todas essas teorias e formular esses conceitos de maneira que possamos dispor de uma base comum para novas investigações. (May, 1980, p. 9)

May (2000) revela que, no ano em que trabalhou sua tese, encontrava-se de cama em um hospital para tuberculosos e, mergulhado pela atmosfera da angústia, resolveu se aproximar do que haviam escrito sobre essa temática. Na sua procura, apenas encontrou duas obras dedicadas ao assunto, escritas por dois estudiosos: Freud e Kierkegaard. Entretanto, foi o modo como Kierkegaard trabalhou a angústia que mais o impactou. Ele conseguia ver a angústia descrita pelo filósofo dinamarquês na sua experiência e na de seus colegas internados no hospital de modo nítido e devastador. Experiência a qual ele denominou como “crise da vida contra a morte” (May, 2000, p. 16).

Mesmo afirmando que apenas a angústia, tal como desenvolvida por Kierkegaard, o fez despertar para a sua própria angústia, May (2000, p.16) defende o modo como Freud constrói o conceito, ressaltando a sua formulação sobre os “mecanismos psíquicos pelos quais a ansiedade se manifesta”. A partir dessa observação, o psicólogo norte-americano afirma que a diferença entre os dois autores é que Freud sabia sobre a angústia e Kierkegaard a conhecia, ressaltando o quanto é importante uma visão mais “técnica” da angústia e uma mais “existencial” (May, 2000, p.16).

É interessante pensar que, por mais que May considere as duas formas de se lidar com a angústia sem as dicotomizar, o próprio modo de explicitá-la já diz sobre como ele compreende a angústia. Consideramos que, na medida em que procuramos descrever a angústia de modo técnico e a interpretamos como um mecanismo psíquico, perdemos aquilo que Kierkegaard (1844/2016), na voz de Haufniensis, define como o mais próprio da angústia, que é o caráter constituinte do modo de ser do indivíduo, a atmosfera que revela o que há de mais próprio, e não um elemento intrapsíquico que se mostra como um mecanismo. Ou seja, como algo posterior ao indivíduo em sua totalidade, um mecanismo que parte de uma fonte anterior psíquica.

A obra *O Significado de Ansiedade* (May, 1980), em que Rollo May pormenoriza o conceito de angústia, apresenta uma explicitação dessa atmosfera a partir de diferentes compreensões: filosófica, fisiológica, biológica e psicanalítica, com o intuito de encontrar algo que as una em uma totalidade.

May (1980) começa o segundo capítulo com uma epígrafe de Kierkegaard, afirmando que o problema da angústia, antes dos psicólogos se apropriarem dessa temática, se situava na filosofia, em que a angústia era relacionada às crises e conflitos existenciais dos seres humanos. Pela falta de concretude naturalista do conceito de angústia, ou seja, pela angústia não possuir uma causa específica, não corresponder aos ditames científicos das ciências naturais e não ser do campo racional, essa atmosfera manteve-se por muito tempo sem ser estudada no século XIX. Campo racional este que se colocava por muitos estudiosos como um campo que detinha o controle das emoções, consideradas irracionais.

Segundo May (1980), Kierkegaard caminha na contramão de uma dita inutilidade no estudo da angústia, ressaltando a importância da sua contribuição para a construção de uma “nova base para a unidade da personalidade” (May, 1980,

2 De acordo com Gregory Beaubout (2009), a escolha de May (e outros, tais como Jaspers e Tillich) por traduzir *angest* – que é uma palavra comum na Dinamarca, mas inusual em inglês – por *anxiety* se justifica por pelo menos dois motivos: *anguish*, em inglês, seria uma transliteração e não uma tradução; e porque manter *anguish* em inglês pode dar a ideia de que Kierkegaard está usando um termo técnico, quando ele está usando um termo usual, uma palavra comum. (O autor faz um detalhado estudo das decisões de tradução de *angest* para o inglês).

p. 50). Em sua descrição do conceito de angústia, tal como definido por Kierkegaard, May aponta que, por mais que o filósofo estivesse falando sobre o indivíduo, o modo como ele o definia era fluido e que apenas poderia ser definido em um desenvolvimento que se dava na relação com outras pessoas. Desse modo, a angústia se mostra, também, como algo fluido, não determinado e estático. Segundo o autor, a angústia está intimamente orientada para a liberdade e a liberdade, por sua vez, orientada para a possibilidade.

A angústia, segundo May (2000, p. 120), não é apenas uma emoção ou um efeito mental, essa é “uma característica do ser do homem, enraizada em sua existência”. A angústia é considerada, pelo estudioso, como um aspecto *ontológico* do ser humano por afetar o âmago do eu, surgindo como uma ameaça aos alicerces do ser do homem. A ameaça ao ser faz com que a angústia seja nomeada pelo autor como a “experiência do não-ser” (May, 2000, p.120).

Para May (2000), angústia é a experiência de conscientização por parte do indivíduo de que a sua existência, enquanto potência, pode vir a ser nada, e que ele pode perder tudo que considerava como pertencente a si mesmo no mundo. O não-ser é a nadidade evidenciada pela angústia, compreendido por May como a ameaça da dissolução daquilo que identificamos ao longo da vida como definidores de nós mesmos. A angústia é o instante em que o não-ser é evidenciado. May (1980) refere-se a uma angústia normal, que se destina à proteção do indivíduo dos perigos que ameaçam a existência, valores e identidades que a sustentam. Dessa forma, não se pode fugir da angústia, pois essa constitui a consciência humana de que “cada um de nós é um ser que se defronta com o não-ser” (May, 1980, p. 335). E a uma angústia neurótica, que se constitui como uma reação desproporcional às ameaças objetivas, e o modo como o indivíduo a controla por meio de inibições, desenvolvendo sintomas e mecanismos de defesa a possíveis ameaças.

Se a angústia é a experiência do não-ser, o que é ser para May? O psicólogo (May, 2000) define o ser como o conjunto das potencialidades inerentes ao indivíduo que, dependendo da autoconsciência, vem a se realizar ou não. Potencialidade esta, inclusive, de ser consciente de si mesmo e responsável por quem se é. Para esclarecer, o autor apresenta um exemplo.

Ser é a potencialidade pela qual a semente se torna uma árvore ou cada um de nós se torna aquilo que realmente é. Quando usado no sentido particular, tal como em um ser humano, tem sempre a conotação dinâmica de um processo, da pessoa sendo alguma coisa. (...) Só é possível compreender um outro ser humano quando vemos a direção que toma, no que ele está se transformando, e somente podemos conhecer a nós mesmos, quando “projetamos nossa *potentia* em ação” (May, 1980, p. 106).

Existimos, portanto, sempre em potencialidade de vir a ser algo, mas este vir a ser depende de um elemento “intrínseco e inseparável do ser humano que é a autoconsciência” (May, 2000, p. 106). A liberdade, segundo o estudioso norte-americano, é a “capacidade do homem de assumir seu próprio desenvolvimento. É a nossa capacidade de moldar a nós mesmos” (May, 1993, p. 64). O indivíduo apenas se torna verdadeiramente quem ele é, em um processo, estando consciente de si mesmo e agindo com responsabilidade diante dos posicionamentos que toma em sua existência. A capacidade de ser, portanto, é a capacidade de conhecer a si mesmo no mundo, em uma experiência de autoconsciência. Sem a autoconsciência somos levados pelo instinto e pelo que o mundo diz que devemos fazer, e deste modo não desenvolvemos as potencialidades que são únicas e nossas.

A escolha consciente, para May (1980), é o processo de individuação, ou seja, o desenvolvimento do indivíduo enquanto pessoa. Um processo que se desenvolve através de um movimento de autoconsciência, no qual a consciência volta-se para si mesma e decide por algo, em um confronto com a angústia. A angústia, então, tem um papel decisivo no processo de autoconsciência e individuação. Segundo o autor, “a individualidade depende da capacidade de cada um enfrentar a ansiedade e progredir apesar dela” (May, 1980, p.55). Desse modo, May define a angústia como algo a ser enfrentado e ultrapassado, ressaltando que esse aspecto é fundamental na existência do indivíduo. Dependendo de como se enfrente a angústia, o processo de se tornar um indivíduo consciente de si mesmo pode ser prejudicado. May afirma que é a autoconsciência do indivíduo, no enfrentamento da angústia, que possibilita que o homem possa “moldar e, em certa medida, transformar o seu presente desenvolvimento histórico” (May, 1980, p. 56).

May (1980), inspirado nas reflexões de Kierkegaard, especificamente na frase kierkegaardiana de que “a verdade somente existe se o próprio indivíduo a produzir ativamente” (citado por May, 1980, p. 182), nos diz que o entregar-se ao processo da psicoterapia e do autoconhecimento é fundamental para que o paciente chegue à verdade de ser quem ele é, ao *insight* e, conseqüentemente, à autoconsciência. A entrega diz respeito a uma decisão súbita, não uma decisão por fazer isto ou aquilo, mas sim uma atitude decisiva diante da existência. O *insight* e o conhecimento sobre si apenas podem acontecer posteriormente a essa entrega.

A entrega, entretanto, não é uma atitude totalmente voluntária ou consciente. O desafio para a psicoterapia existencial-humanista encontra-se nesse ponto. O psicoterapeuta pode ajudar o paciente “no desenvolvimento de uma orientação de entrega” (May, 1980, p. 184), e, quando ocorre a entrega em situação de angústia, cabe ao psicoterapeuta auxiliar o paciente a absorver o impacto das experiências e ajudá-lo no diálogo consigo mesmo, evitando a tagarelice ou o hermetismo.

May (1980) diz que o psicoterapeuta não deve intensificar a angústia ou procurar incitá-la no paciente, pois, assim, levará o paciente a um retrocesso, incentivando-o a estar na esfera de possibilidades, sendo privado da sua existência concreta e suas potencialidades. Ao mesmo tempo, May diz não considerar a angústia como algo que pode ser curado,

pois ela é inerente à vida. Em outro momento, May (1980) afirma que a angústia pode ser superada, na medida em que encontremos a sua origem, ou seja, o conflito subjacente, e o exterminemos ao trazê-lo para a consciência. O objetivo do psicólogo, que se inspira na perspectiva existencial-humanista, está em conseguir diminuir a potência destrutiva do *eu* gerada pela angústia e transformá-la em potência construtiva no desenvolvimento da autoconsciência e das realizações.

A angústia numa apropriação fenomenológico-existencial em psicologia

Feijoo (2000) em seu livro *Escuta e Fala: Uma Proposta Fenomenológico-Existencial* trouxe à baila as implicações que o pensamento de Kierkegaard poderiam trazer à elaboração de uma clínica psicológica com bases existenciais. Nessa oportunidade, a autora discutiu três concepções caras a Kierkegaard: o desespero, a angústia e o método abordados pelo filósofo para que o homem pudesse desvencilhar-se de suas ilusões. Feijoo (2000) justifica o diálogo estabelecido com Kierkegaard (1844/2016), uma vez que todo o intuito do texto presente em *O Conceito de Angústia* se volta para tratar psicologicamente do existir em angústia. A autora, então, destaca a noção de abertura às possibilidades e aos diferentes modos de lida do homem com a sua condição de liberdade.

Em outra obra, Feijoo et al. (2015) insistem em mostrar como a abordagem de Kierkegaard acerca do tema, na obra *O Conceito de Angústia* (Kierkegaard, 1844/2016), possibilita pensarmos em uma psicologia clínica inspirada nas obras desse filósofo sob a perspectiva fenomenológico-existencial. A partir dessa hipótese, questionamo-nos: de que modo a mencionada obra inspira a prática da clínica psicológica sob essa perspectiva?

Feijoo (2000) aponta um caminho de pensamento ao compreender que a ilusão do homem se encontra totalmente afinada com aquilo que o filósofo denomina de posições psicológicas de não-liberdade. No entanto, defendemos a tese de que precisamos nos deter ainda mais na questão da importância do tema da angústia em articulação com a clínica psicológica. Para tanto, escolhemos duas pesquisadoras e psicólogas como principais referências para o estudo da clínica psicológica fenomenológico-existencial inspiradas na temática da angústia na psicologia: Ana Maria L. C. de Feijoo (2000) e Myriam M. Protasio (2014). Tal escolha justifica-se devido ao pioneirismo e relevante contribuição de ambas as pesquisadoras para a compreensão dessa perspectiva para a psicologia, cujo saber-fazer das mencionadas autoras alinha-se às reflexões elaboradas por Kierkegaard e seus pseudônimos.

Baseando-se na obra kierkegaardiana *O Conceito de Angústia* (Kierkegaard, 1844/2016), Protasio (2014) diz que Kierkegaard, sob a voz de Vigilius Haufniensis, apresenta a angústia como o lugar mais próprio para a ciência psicológica, espaço em que aparece o caráter constitutivo de liberdade como possibilidade para a possibilidade, abertura à indeterminação própria do ser do humano. Compreende, também, a angústia como o “espaço onde o homem pode ver-se a si mesmo e julgar a si mesmo” (Protasio, 2014, p. 202). No instante da angústia, que ocorre como súbito, o indivíduo pode ver a existência como possibilidade e, nesse ver, a vida pode se mostrar diferente.

Protasio (2014) diz que é a partir do lugar de afirmação do caráter de indeterminação do indivíduo, levantado por Kierkegaard, sob a voz de Haufniensis, que se torna impossível a categorização da existência em limites concretos e abstratos, apenas sendo possível ver a vida em sua singularidade própria, cabendo ao indivíduo encontrar a sua própria tarefa e justificativa no existir. O ter que ser, o ter que se posicionar, é um caráter próprio do modo de ser do humano, embora muitas vezes estejamos adormecidos para essa nossa condição ao nos tomarmos como já determinados, colocando a culpa nos outros ou no mundo por aquilo que diz sobre a nossa existência e o que há de mais próprio nela (Feijoo et al., 2013). Ao tomarmo-nos como multidão, como todo-mundo, tiramos a responsabilidade que cabe a nós e colocamos no número, em todos que, ao mesmo tempo, é ninguém. A angústia, abismo que desperta a liberdade como possibilidade para o indivíduo, ocorre como a atmosfera de “ambiguidade que antecede toda escolha, toda possibilidade” (Feijoo et al., 2013, p. 34), em um movimento que aproxima o indivíduo de si mesmo.

Para a psicologia fenomenológico-existencial que caminha junto a Kierkegaard, o ser humano pode escolher bem e mal em liberdade (Protasio, 2008). Essa escolha, entretanto, é posterior ao caráter de liberdade constitutivo do indivíduo. A liberdade como possibilidade não consiste em escolher isto ou aquilo, ou uma indecisão diante da decisão, e sim na abertura própria do existente que é liberdade. Anterior a isto ou aquilo, há a liberdade que abre mundo, abre possibilidade. É nesse solo movediço da possibilidade, em que não há uma determinação prévia da vida humana, que a psicologia fenomenológico-existencial caminha com o outro em sua clínica.

A angústia, portanto, se dá como o espaço em que a liberdade se mostra para si mesma e pode julgar-se (Protasio, 2014). Nesse julgar-se, algo pode surgir e a possibilidade pode se mostrar. Desse modo, a atmosfera da angústia “reflete a liberdade como situação real da existência humana” (Protasio, 2014, p. 213). Situação essa que se dá tanto no âmbito universal, em que todo indivíduo está, como no âmbito singular, pois diz respeito à tarefa de cada um na existência que é a sua. O caráter universal “fala da impossibilidade de que o homem possa criar a si mesmo e de criar as condições de sua própria existência” (Protasio, 2014, p. 213); por outro lado, o homem tem a tarefa cotidiana de ser quem ele é, estando continuamente na relação consigo mesmo como existente.

Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2016) apresenta diversas estratégias que o indivíduo pode usar para fugir de si mesmo e do seu caráter de possibilidade, fechando-se diante do anúncio da liberdade, acreditando que não se escolhe, mas que são as circunstâncias de ordem externa ou interna que escolhem por ele (Feijoo, 2000). Essas situações, descritas pelo pseudônimo, muito se assemelham com aquelas que se apresentam na clínica psicológica, nos auxiliando, portanto, em uma reflexão sobre a vida do indivíduo consigo mesmo que chega à clínica psicológica.

Uma das possibilidades de lidar com o mostrar-se da liberdade para o indivíduo descrita por Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2016) é o hermetismo. Nessa situação, o indivíduo se vê em uma não-comunicação com o outro e consigo próprio, escondendo-se da liberdade (Feijoo et al., 2013). Nessa situação, segundo Feijoo et al. (2013, p. 38), “a retomada da liberdade está, para o hermético, atrelada à revelação”, pois a liberdade que parece para o homem como tão atroz não se revela nem a si mesmo, se tornando obscurecida pelo hermético.

Uma outra vida que se mostra como fuga de si se manifesta por queixas corporais, irritação, impaciência, que Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2016) nomeia como *perda somato-psíquica da liberdade*. De acordo com Feijoo (2000), a liberdade, nessa situação, pode ser retomada em uma maior consciência e aproximação com a sua situação concreta na existência, em contraste com uma vida de temor e fuga em relação ao que se mostra como real em sua existência. Nessas queixas, o indivíduo coloca a culpa no mundo, no biológico e nos outros. Devolvendo-o para a sua situação concreta, pode ser que esse indivíduo veja a si mesmo e as questões que o atormentam como algo que diz respeito a ele mesmo.

Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2016) refere-se ainda à perda pneumática da liberdade. ‘*Pne*’ significa sopro em grego, e ‘*pneuma*’ mantém uma relação com a *psique* (Feijoo, 2000). O modo como o indivíduo se vê nessa perda da liberdade é com uma ausência do sopro de vida, daquilo que move a sua existência e dá motivo para continuar caminhando. Nessa vida consigo, o homem coloca a culpa e a determinação da sua existência em algo extrínseco a si, justificando as suas decisões e escolhas em algo divino, como se não tivesse uma responsabilidade consigo mesmo, mas sim com esse algo maior que dita a sua vida. Feijoo et al. (2013, p. 39) afirma que “Neste caso, há a comunicação sem, no entanto, a consciência e apropriação de si, o que significa que este homem se compreende como vítima das circunstâncias, deixando-se ser jogado de um lado para outro, de acordo com as situações”. Compreender-se como vítima das circunstâncias pode ocorrer em todos os âmbitos, inclusive intelectual. Em todas as situações, o indivíduo acredita-se como determinado e condenado por elementos considerados exteriores a si mesmo, deixando de se posicionar com responsabilidade e seriedade na existência que é possibilidade, indeterminação.

A angústia é, como já vimos, a atmosfera que nos revela o nosso caráter próprio de liberdade como possibilidade para a possibilidade, em um piscar de olhos. Ao avistar isso, em um instante, somos tocados pela vida. Vida que se mostra de um jeito completamente diferente. A mesma vida, a mesma pessoa, mas tudo diferente. O solo para esse diferente se mostrar é a angústia. No instante em que essa realidade desperta para o indivíduo, ele se aproxima de si como o existente que é. Nesse avistar, ele, os outros e a vida se desvelam como possibilidade. O se formar pela angústia seria o aprender com isso, mesmo que a angústia nos revele. O indivíduo, entretanto, muitas vezes, no momento em que avista esse caráter, foge dele, retornando para a ilusão de ser determinado pelo mundo, e a tarefa está em retornar, a cada vez, para si mesmo.

Kierkegaard (1859/1986) diz que o homem costuma viver sem refletir sobre o que está a sua volta, imerso na demanda direcionada pela multidão, pelo todo-mundo. Sem estar próximo de si, ou seja, da sua tarefa e justificativa no existir, age como todos agem, pensa como todos pensam, como um seixo que rola de acordo com a correnteza. Na multidão, o homem não é um indivíduo singular, apenas um exemplar que vive de acordo com o que se diz sobre como se tem de viver. Essa multidão é ninguém, apesar de ser tomada como a verdade. Segundo o filósofo, na multidão está a mentira, pois essa faz com que o indivíduo, sua responsabilidade e arrependimento sumam em prol de um todo mundo que é ninguém, é uma abstração, é uma rede invisível. Para Kierkegaard, cada um pode tornar-se um indivíduo singular; entretanto, muitos não habitam esse lugar, excluindo-se de ser, tornando-se apenas mais um na multidão.

Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2016) diz que o despertar para a realidade da liberdade como possibilidade que nos constitui a nós mesmos faz com que o indivíduo se aproxime de si. Esse aproximar de si, entretanto, não é algo que se conquista e se finda por si mesmo. É um aproximar-se que é movimento, em um constante aproximar-se e afastar-se da existência. Um perder-se e ganhar-se que se mantêm em seu movimento existencial.

Diante disso, Kierkegaard, em suas reflexões sobre angústia e o seu encobrimento no impessoal, ajuda-nos a pensar no lugar da clínica psicológica. Segundo Protasio (2014), podemos encontrar o suporte nas reflexões de Kierkegaard para o exercício da psicologia em duas direções: no interior do projeto de comunicação indireta desenvolvido pelo autor, e na consideração da atmosfera da seriedade como a mais própria para se lidar com a tarefa do existir, existir este que é angústia.

Kierkegaard (1859/1986) revela que o seu caminho autoral se desenvolveu sempre em busca da dissipação da ilusão apresentando, de forma detalhada, as intenções e motivações de seu projeto de escritor. No desvelar do seu intuito, o filósofo dinamarquês afirma que o ponto-chave das suas obras é a comunicação indireta. Segundo Feijoo (2000), no relato de Kierkegaard sobre seu percurso enquanto escritor conseguimos encontrar inspirações para o atuar da clínica psicológica, tomando como referência de caminho o método indireto de se alcançar o outro na ilusão em que se encontra.

Kierkegaard (1859/1986) diz que, em uma relação que se pretende de ajuda, o ajudante deve “chegar até o leitor no lugar em que ele se encontra e, pareando-se com ele, manter aberto o espaço da possibilidade” (Protasio, 2014, p. 208). A questão, para o filósofo, está no modo como se chega até o indivíduo e naquilo que o inquieta. Caso seja feito de modo direto, tornando evidente as suas ilusões, o indivíduo logo se sente invadido, ignora o que foi falado e, se pressionado, chega a pensar rapidamente no que foi dito, mas logo retorna tranquilamente para a ilusão, criando justificativas para a mesma. De modo direto, o ajudante tem a ilusão de poder dar aquilo que apenas o indivíduo pode conquistar por si. O método indireto, por outro lado, apresenta ao outro o que está em questão, porém de modo sutil, devolvendo-lhe o que pertence e cabe somente a ele mesmo.

Tendo em vista a importância da comunicação indireta, Feijoo (2000) afirma que cabe ao ajudante aproximar-se do que se mostra na própria situação existencial do outro, naquilo que o toca e inquieta para, vagorosamente, devolvê-lo para si mesmo, tendo o cuidado de se retirar no momento certo que ele precisa estar em sua solidão, “para não testemunhar o reconhecimento que o homem faz de si mesmo por ter vivido uma ilusão” (Feijoo, 2000, p. 73). Esse modo indireto de comunicação pode se dar de diversos modos: como ironia, perguntas que possam devolver para a pessoa a questão que está se apresentando para o psicólogo, metáforas, entre outros (Feijoo, 2008). Entretanto, é necessário se estar na adição.

Por mais que o pensador dinamarquês afirme o quanto é impossível abarcar a existência e conhecer mais o outro do que ele a si mesmo, Kierkegaard (1859/1986) salienta a importância da adição daquele que pretende ajudar. A adição consiste no elemento questionador e reflexivo que a ajudante-psicóloga tem a oferecer ao indivíduo que busca ajuda. Assim, é justamente porque a psicóloga sabe que o indivíduo é fundamentalmente liberdade, que é possível questionar as ilusões, sedimentações e orientações do *todo-mundo*, da multidão (Feijoo, 2012). Somente dessa forma o psicólogo poderá, no mínimo, não sedimentar as ilusões daquele que procura a clínica psicológica.

A humildade e a paciência são, também, aspectos fundamentais para se construir uma relação que se pretende de ajuda. São importantes, pois se não estivermos nessas atmosferas, podemos nos encontrar na ilusão de um saber-poder que não nos é possível. Pode-se acreditar em um poder de gerar uma transformação no outro, que só ele mesmo pode experienciar por si; ilusão de um poder avançar na reflexão das questões do outro de modo impaciente, cujo tempo se dará apenas na medida e no processo do ajudado. O psicólogo que não se vê em humildade, mas sim em orgulho, não pode ajudar o outro, porque, como nos diz Feijoo (2000), o seu desejo se torna ser admirado e reconhecido. Nesse desejo, ele perde-se da tarefa de estar com o outro no desvelar da existência que é a dele. Na ilusão da superioridade, o psicólogo, que está orgulhoso, apenas vê a si mesmo na relação, e o mais valioso, que é o outro e a aproximação de si, se perde. Inspirada nas reflexões de Kierkegaard, Feijoo (2000) diz que ajudar não significa ser soberano e, sim, criado. Ajudar não significa ser ambicioso e, sim, paciente. Ajudar significa ter de resistir, no futuro, à imputação de que se está equivocado e, portanto, incapaz de entender o que o outro entende. Apesar de tudo isto, ajudar sem temor, embora se saiba que, na verdade, esta tarefa é impossível de se realizar sem medo e sem tremor (Feijoo, 2000, p.74).

Entendemos que uma clínica psicológica que caminhe junto ao pensamento de Kierkegaard assume como tarefa ajudar o outro a sair da ilusão de ser o que ele não é, apontando para a possibilidade de que o indivíduo encontre as respostas para as questões que o atormentam e se torne aquilo que é, ou seja, assuma a tarefa que é a sua no seu existir. A esta clínica cabe, portanto, compreender os modos pelos quais o indivíduo tenta manter velada a atmosfera de angústia e de tensão com a existência que é a sua, para, nessa compreensão, poder ajudá-lo no caminho de ver a si mesmo. O psicólogo clínico não pode alcançar o instante em que o indivíduo vê a si mesmo, entretanto, pode acompanhar o outro no desfilar da vida, questionando os sentidos sedimentados, ajudando a refletir sobre as suas verdades estabelecidas, as justificativas que permeiam o seu modo de lidar consigo e com o que se apresenta. Devolvendo para o outro, como um espelho, ele mesmo, aquilo que o inquieta e o faz procurar ajuda, sempre sustentando a possibilidade da transformação, do súbito irromper.

Na clínica psicológica fenomenológico-existencial que se inspira em Kierkegaard não há a busca pela cura de algum transtorno, e sim uma abertura para a possibilidade do encontro do outro consigo mesmo, do súbito, sabendo que este instante se dá como susto. A psicologia clínica existencial instiga o outro a refletir sobre a sua existência em sua multiplicidade, a pensar na forma como lida consigo, com o outro e com o mundo, a destecer e tecer sentidos que dão substância à sua existência. Sabendo que, quando nos aproximamos de nós mesmos não passamos a fazer melhor as coisas do mundo contemporâneo, como trabalhar, ser produtivo, pró-ativo etc., mas tudo que fazemos torna-se mais evidente para nós, tudo se mostra de uma forma mais nítida, inclusive nossas relações com os outros e com o mundo.

A psicologia sob inspiração kierkegaardiana se encaminha para um cuidado no qual a atmosfera da angústia se mostra extremamente relevante devido ao seu caráter constitutivo e único de aproximação do indivíduo consigo mesmo. Seguindo as indicações de Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2016), apostamos em uma clínica psicológica que se aproxime da experiência como ela se mostra no seu desvelar, sem contar com pressupostos, com conclusões que antecipem o que se desvela no próprio mostrar. A psicologia que afirmamos, portanto, é aquela que, de acordo com Protasio (2014), simpatiza com os interesses do homem e que se inclina, como o médico no leito do doente, para ouvir a fala da angústia e

do desespero, sabendo que é aí, no espaço da fala, que descansa a possibilidade. E que é da possibilidade que pode advir uma transformação (Protasio, 2014, p. 219).

A possibilidade de transformação é de especial importância para o exercício de uma psicologia clínica (Feijoo et al., 2015), considerando que é, justamente, esta atmosfera de possibilidade que deve ser assegurada numa relação que se pretende de ajuda, uma vez que o interesse, ou seja, aquilo que une os envolvidos no processo clínico é, justamente, a possibilidade que outra possibilidade se dê (Protasio, 2014). O psicólogo aguarda, pacientemente, acompanhando o mostrar-se da existência daquele que chega até a clínica psicológica. Nesse aguardar que se dá com o outro, algo pode irromper, existência pode se mostrar e, nesse mostrar-se, pode haver uma transformação, como nos diz Protasio (2014).

O psicólogo “escuta” a fala da angústia e resguarda seu espaço, reafirmando a fé nos possíveis, pois é neste espaço que a liberdade pode transparecer-se para si mesma. Transparecendo-se para si mesma, a liberdade pode constituir um instante transformador. A partir de uma escuta privilegiada cabe, portanto, à psicologia guardar o espaço de possibilidade, ou seja, o espaço no qual a angústia devolve o homem para si mesmo e às suas possibilidades (Protasio, 2014, p. 225).

Feijoo (2000), em seu estudo pioneiro sobre uma psicologia clínica fenomenológico-existencial inspirada em Kierkegaard, afirma que cabe ao psicólogo não obscurecer a “inquietação própria da condição de reconhecimento de sua indeterminação existencial: a angústia” (Feijoo, 2000, p. 111). E, sim, tentar manter a atmosfera da angústia descobridora, possibilitando que o indivíduo possa reconhecer o seu caráter de abertura para a possibilidade, sabendo, entretanto, que esse reconhecimento se dá como súbito, no instante transformador da angústia.

Desse modo, encontramos no pensamento de Kierkegaard fundamentos para pensar uma prática da clínica psicológica que reconhece a angústia como um caráter constitutivo do modo de ser do homem e, não como uma patologia ou problema que deva ser curado, extirpado, superado, assim como nos afirmou Feijoo (Feijoo, 2000; Feijoo et al., 2015). Antes, é um aspecto que devolve o homem para si mesmo, para a sua tarefa e justificativa no existir.

As apropriações psicológicas de base humanista e de base fenomenológica na experiência angústia

Neste trabalho, mostramos o modo como as perspectivas que se denominam existenciais se inspiram no pensamento de Kierkegaard sobre a angústia para, a partir disso, clarificar as semelhanças e diferenças entre as perspectivas existencial-humanista e fenomenológico-existencial na psicologia. O nosso objetivo principal foi responder à pergunta norteadora da pesquisa: o modo como cada uma dessas perspectivas se apropria da concepção de angústia, tal como desenvolvida por Kierkegaard, aponta para diferenças significativas na ação clínica nessas duas perspectivas, não permitindo que sejam tomadas como iguais.

Chegamos à conclusão de que a psicologia de base humanista, ao se inspirar em Kierkegaard para construir seus fundamentos, apresenta desencontros radicais com a psicologia de base fenomenológica. Pontos estes como afirmar que a angústia é uma ameaça à liberdade; a consideração da liberdade como algo que diz respeito ao livre-arbítrio, à vontade; assim como pensar o indivíduo como possuidor de um mecanismo intrapsíquico que desenvolve causas e efeitos em relação à angústia, em uma interioridade subjetiva. Além disso, a psicologia existencial com base humanista prioriza o desenvolvimento de um *eu* identitário, com uma potência essencial, que se afirma por características exteriores a si, sendo essas os valores essenciais da sua existência.

A perspectiva fenomenológico-existencial, em um outro movimento, sustenta a ausência de determinações apriorísticas do ser do homem, afirmando que o mesmo deve fazer-se e refazer-se constantemente na existência, em seriedade com a sua tarefa de existir, considerando o homem pela sua *nadidade*, e não pela sua positividade. O fundamento do existente é, justamente, ser liberdade como possibilidade antes da possibilidade, liberdade esta que se dá em um constante movimento. A angústia, portanto, desperta o indivíduo para o seu caráter próprio de *nadidade*, revelando para si mesmo, em um instante, a realidade de ser liberdade. O fundamento do indivíduo, nesta perspectiva, é a indeterminação. Portanto, não há qualquer *eu* ou potência que defina o ser do humano de antemão.

Na clínica psicológica de ambas as perspectivas, o modo de compreensão do indivíduo e da angústia se mostram extremamente importantes para pensarmos o seu fazer. Na clínica psicológica existencial-humanista, identificamos alguns elementos essenciais como a concepção de uma interioridade psíquica, uma potencialidade, a premissa de que a saúde psíquica pode ser conquistada e a angústia como algo que pode e deve ser curado e transformado em potência produtiva. Já a clínica fenomenológico-existencial possui como fundamento a indeterminação e *nadidade* do indivíduo, a saúde como algo a ser conquistado e reconquistado continuamente na existência e a angústia como constitutivo do indivíduo, que revela o seu caráter próprio de liberdade.

Sendo assim, encontramos diferenças cruciais na atuação das perspectivas existencial-humanista e fenomenológico-existencial em relação à angústia. São essas diferenças que impedem que ambas sejam consideradas a mesma ou até mesmo similares.

Considerações Finais

Tanto na apropriação do conceito de angústia, quanto na conseqüente ação clínica em psicologia, as perspectivas abordadas neste trabalho, a de base humanista, representada por Rollo May, e a de base fenomenológica, de Feijoo e Protasio, destacam-se diferenças importantes para esclarecer a identidade de cada uma delas.

Nas formulações sobre angústia na base humanista, identificamos que a experiência da angústia patológica aponta para algo que precisa ser curado, de forma a liberar a potência produtiva do indivíduo. Nessa potencialidade, a liberdade é tida como livre-arbítrio, permanecendo, nesta perspectiva, o binômio liberdade e responsabilidade.

A angústia compreendida em base fenomenológica é constitutiva da existência que, em uma abertura originária, revela nessa abertura o caráter próprio da liberdade, aqui entendida como possibilidade e não como livre-arbítrio. Ou seja, o binômio liberdade e responsabilidade não se estabelece por uma relação de causalidade. Responsabilidade passa a ser compreendida como o cuidado com a própria tarefa de existir.

Concluimos que há diferenças cruciais no modo de compreensão da angústia que repercutem na atuação clínica das perspectivas existenciais de base humanista e de base fenomenológica. Por isso, entendemos que o modo como cada uma dessas perspectivas se apropria dos elementos desenvolvidos por Kierkegaard acerca da angústia impedem que ambas sejam consideradas como sinônimas ou até mesmo similares. Por fim, nos fundamentos teóricos e nas práticas clínicas, as psicologias existencial-humanista e fenomenológico-existencial dizem respeito a duas perspectivas em psicologia totalmente distintas. Sem dúvida, este estudo traz contribuições teóricas e práticas para esclarecer as diferenças entre estas duas apropriações no tocante à questão da angústia. Acreditamos que os equívocos presentes no modo como este tema é divulgado nas formações em psicologia possam ser sanados mediante o esclarecimento deste tema neste estudo. Ressaltamos, no entanto, que há necessidade de que mais pesquisas sejam desenvolvidas para que os equívocos possam ser, definitivamente, esclarecidos.

Referências

- Beaubout, G. (2009). *Freedom and its misuses* (2a ed.). Marquette University Press. Cruz, T. P. (2010). O sentido de psicologia para Haufniensis: Ideias psicológicas em “Conceito de angústia” de Kierkegaard. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 18, 55-67. <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a18/cruz01.pdf>
- Feijoo, A. M. L. C. (2000). *A Escuta e a fala em psicoterapia: Uma proposta fenomenológico-existencial*. Vetor.
- Feijoo, A. M. L. C. (2008). A filosofia da existência e os fundamentos da clínica psicológica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 8(2), 302-311. <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844626014.pdf>
- Feijoo, A. M. L. C. (2012). Bases da psicologia existencial-humanista. *Revista Latinoamericana de Psicologia Existencial*, 3(5), 10-13. https://www.fundacioncapac.org.ar/REVISTA_LATINOAMERICANA_5.pdf
- Feijoo, A. M. L. C., Mattar, C. M., Feijoo, E. L., Lessa, M. B. M. F., & Protasio, M. M. (2013). *O pensamento de Kierkegaard e a clínica psicológica*. Edições IFEN.
- Feijoo, A. M. L. C., Gill, D., Protasio, M. M., & Veríssimo, L. J. (2015). Kierkegaard, a Escola da angústia e a psicoterapia. *Psicologia: Ciência e profissão*, 35(2), 572-583. <https://doi.org/10.1590/1982-370300912013>
- Feijoo, A. M. L. C. & Mattar, C. M. (2016). Encontros e desencontros nas perspectivas existenciais em psicologia. *Psicologia em Revista*, 22(2), 258-274. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9523.2016V22N2P258>
- Feijoo, A. M. L. C. de & Protasio, M. M. (Orgs.). (2014). *Angústia e repetição: Da filosofia à psicologia*. Edições IFEN.
- Feijoo, A. M. L. C. de & Protasio, M. M. (2021). Reescrevendo o percurso da psicologia existencial: Um retorno a Kierkegaard. *Revista Subjetividades*, 21(1), 1-13. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v21iEsp1.e9303>
- Frankl, V. E. (1978). *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*.
- Zahar.Frankl, V. E. (2003). *Psicoterapia e sentido da vida*.
- Quadrante.Grøn, A. (2008). *The concept of anxiety in Søren Kierkegaard*. Mercer University Press.

- Karki, P. (2019). A critical evaluation of the theories and practices in existential psychotherapy. *International Journal of Science and Research*, 8(1), 681-683. <https://doi.org/10.21275/ART20194165>
- Kierkegaard, S. A. (1974). *O desespero humano: Doença até a morte*. Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores). (Trabalho original publicado em 1849).
- Kierkegaard, S. A. (1986). *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor*. Edições 70. (Trabalho original publicado em 1859).
- Kierkegaard, S. A. (2009). *A repetição*. Relógio D'Água Editores. (Trabalho original publicado em 1843).
- Kierkegaard, S. A. (2016). *O Conceito de Angústia* (A. L. M. Valls Trad.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1844).
- Kierkegaard, S. A. (2018). *Discursos edificantes em diversos espíritos – 1847: O que aprendemos dos lírios dos campos e das aves do céu: O evangelho dos sofrimentos* Editora LiberArs. (Trabalho original publicado em 1847).
- Klempe, S. H. (2014). *Kierkegaard and the rise of modern psychology*. Transaction Publishers.
- Mattar, C. M. (2016). *Psicologia, cuidado de si e clínica: Diálogos com Kierkegaard e Foucault*. ViaVerita.
- May, R. (1974). *A arte do aconselhamento psicológico*. Vozes. (Trabalho original publicado em 1939)
- May, R. (1977). Orígenes y significado del movimiento existencial en psicología. In: R. May, E. Angel, & H. R. Ellebenger (Eds.), *Existencia: Nueva dimensión en psiquiatría y psicología* (pp. 19-57). Editorial Gredos. (Trabalho original publicado em 1958).
- May, R. (1980). *O significado de ansiedade: As causas da integração e desintegração da personalidade*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1977).
- May, R. (1993). *O homem à procura de si mesmo*. Editora Vozes. (Trabalho original publicado em 1973).
- May, R. (2000). *A descoberta do ser*. Rocco. (Trabalho original publicado em 1983).
- Ponte, C. R. S. (2013). Reflexões sobre a angústia em Rollo May. *Revista NUFEN*, 5(1), 45-56. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2175-25912013000100007&script=sci_arttext
- Protasio, M. M. (2008). Contribuições kierkegaardianas para a compreensão do adoecimento psíquico. In: A. M. L. C. Feijoo (Org.), *Interpretações fenomenológico-existenciais para o sofrimento psíquico na atualidade* (Cap. 3, pp. 90-122). Edições IFEN.
- Protasio, M. M. (2014). Angústia como espaço para a psicologia em Kierkegaard. In: A. M. L. C. Feijoo, & M. B. M. F. Lessa (Orgs.), *Fenomenologia e práticas clínicas*. Edições IFEN.
- Protasio, M. M. (2015). *O si mesmo e as personificações da existência finita: Comunicação indireta rumo a uma ciência existencial*. Edições IFEN.
- Protasio, M. M., & Feijoo, A. M. L. C. de. (2021). Phenomenological psychotherapy: Existentialist approach. *International Journal of Development Research*, 11(07), 48.336-48.341. <https://doi.org/10.37118/ijdr.22382.07.2021>
- Salles, A. L. (2019). *Angústia existencial: Psicologia à luz de Kierkegaard*. Juruá Editorial.
- Silva, E. F. G., & Barreto, C. (2020). Angústia como constitutiva da existência: Ressonâncias para a clínica psicológica. *Phenomenological Studies – Revista da Abordagem Gestáltica*, 26(2), 220-231. <https://doi.org/10.18065/2020v26n2.9>
- Yalom, I. D. (1980) *Existential psychotherapy*. Basic Books.

Como Citar:

Vieira, M. S., Feijoo, A. M. L. C., & Protasio, M. M. (2024). Angústia em Kierkegaard nas diferentes apropriações existenciais: humanista e fenomenológica. *Revista Subjetividades*, 24(1), e12803. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v24i1.e12803>

Endereço para correspondência

Maitê Sartori Vieira
E-mail: maitesartori@gmail.com

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo
E-mail: ana.maria.feijoo@gmail.com

Myriam Moreira Protasio
E-mail: myprotasio@yahoo.com.br



Recebido: 30/06/2021
Revisado: 22/05/2023
Aceito: 14/06/2023
Publicado: 12/03/2024